

Consciência coletiva **PARA PROGREDIR**

Para especialistas das diversas áreas de pesquisa e desenvolvimento da região, a Amazônia tem se mostrado um grande centro de crescimento nos campos da educação, ciência e tecnologia. E o homem amazônida é quem sai ganhando.

Graciella Mendonça, Luciana Gouveia e Inocêncio Gorayeb



ELIETSON MODESTO / OLIBERAL

Otimismo - A antropóloga Lourdes Furtado, do Mpeg, vislumbra uma Amazônia animadora

Avançar no conceito de sustentabilidade e assegurar ao homem da Amazônia meios básicos de evolução social, econômico e cultural. O desenvolvimento da região está atrelado à superação dessas questões, de acordo com a professora e doutora em antropologia, Lourdes Furtado, pesquisadora titular do Museu Paraense Emílio Goeldi (Mpeg).

Elevar os níveis de saúde, saneamento, educação, facilitar o acesso à escola, à universidade, aos postos de trabalho e a garantia dos direitos de cidadania, como assistência à saúde primária, à previdência e assistência social digna para os que se aposentam, estão entre os desafios cruciais dos gestores nos próximos dez anos da Amazônia.

Para Lourdes Furtado, o crescimento populacional por si só não representa o desenvolvimento regional. Mas o fenômeno também não pode ser considerado um entrave para os administradores. “O progresso, independentemente do crescimento demográfico, depende de

uma visão institucional totalizada sobre tal e qual território, tal e qual grupo social que identifique seus conflitos e busque formas de solução no sentido de permitir índices desejáveis e efetivos de qualidade de vida às populações”, ela diz. “Ao passo que esse processo se consolida, há muito terreno a percorrer com determinação e ética para eliminar as mazelas que assolam a sociedade, principalmente a juventude nos últimos tempos”, completa a estudiosa.

Para Lourdes, a elevação da consciência coletiva de respeito aos direitos humanos é peça fundamental na construção do desenvolvimento socioeconômico e ambiental. “Vejo com otimismo dias mais promissores. É uma previsão realista e lógica. Tal postura vem da esperança de que gestores públicos passem a se pautar em benefício do bem comum a partir do crescimento da voz das ruas”, finaliza a antropóloga, ao afirmar que somente dessa forma as perspectivas para a Amazônia serão animadoras.

INOCÊNCIO GORAYEB



Ter opinião - Fearnside dá razão à voz do povo

Ainda há **SAÍDA**

Pesquisador do Inpa não acredita nos fatalismos previstos para a região. “É possível mudar a realidade”, acredita.

O pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), Philip Fearnside, acredita que existem perspectivas positivas para os próximos anos da Amazônia, especialmente no que diz respeito aos projetos ambientais na região. No entanto, a realização de obras estruturais que causam grande impacto ambiental são uma preocupação crescente no contexto da região amazônica na visão do pesquisador, que acredita no papel da sociedade de participar mais ativamente das discussões e tentar equilibrar esse quadro.

Segundo Fearnside, a instalação de hidrelétricas e a abertura de estradas na região, por exemplo, pode trazer graves impactos nos próximos anos. “O governo lançou um plano de expansão energética que prevê, até 2020, a instalação de 48 hidrelétricas. Isso significa poucos benefícios para o Brasil, que exporta o recurso para o mundo e esse recurso não

fica para as pessoas da Amazônia. Outro exemplo é a abertura de estradas. Não se pode abrir estradas para todos os lados e imaginar que o processo de desmatamento será controlado depois”, aponta.

Em meio à discussão sobre a Amazônia, um dos protagonistas vem sendo o conceito de desenvolvimento sustentável que, segundo o pesquisador, pode assumir formas de modismo em alguns casos, mas revela-se como uma importante tendência para a região. “A preservação da floresta ajuda a estabilizar o clima e manter a biodiversidade, por exemplo. A noção de sustentabilidade não é só modismo, há fundamento científico”, afirma.

Apesar das preocupações que se colocam para o futuro da Amazônia, Fearnside não acredita no fatalismo de que não é mais possível mudar essa realidade. Para ele, a sociedade deve participar ativamente dos debates e, assim, influenciar as decisões importantes para os rumos da Amazônia. “A reação mais comum é achar que tudo que diz respeito à região é decidido por meio das políticas, e que a população apenas assiste ao noticiário pela TV. Mas, na verdade, as pessoas devem perceber que elas também estão decidindo a cada dia. Mesmo se resolverem não fazer nada, isto é uma forma de decidir”, frisa Fearnside.

Para o pesquisador, o crescimento populacional experimentado no mundo e na região pode agravar ainda mais os problemas da Amazônia – não por conta do número de pessoas em si, mas por conta do aumento no consumo e de como a sociedade se utiliza do espaço oferecido na região. “Hoje, a Amazônia ainda tem poucas pessoas para um grande espaço. O problema é como se usa esse espaço. Podemos tomar como exemplo a pecuária, que causa uma grande destruição para sustentar poucas pessoas”, sugere o pesquisador.



Boa previsão - O reitor da UFPA, Carlos Edilson Maneschky, prevê “anos otimistas à frente”

Potencial atrativo em **INVESTIMENTOS**

Projetos de sustentabilidade ligados ao desenvolvimento econômico da região são uma tendência promissora para os próximos anos. A qualificação da mão de obra regional deverá receber mais atenção das instâncias públicas.

“**A**s perspectivas que observo para o Pará e para a Amazônia são muito otimistas, positivas, sobretudo em relação aos investimentos que já estão sinalizados para os próximos anos”. Esta é a visão do reitor da Universidade Federal do Pará (UFPA), Carlos Edilson Maneschky, sobre as expectativas para a região amazônica a partir de 2012. Segundo ele, a Amazônia tem uma potencialidade econômica extraordinária, mas é importante que, dentro desse contexto, não se perca de vista a necessidade de se colocar em prática o conceito de desenvolvimento sustentável.

De acordo com o reitor da UFPA, os investimentos que estão sinalizados para a região, especialmente no Pará, deverão ser direcionados a vários setores e projetos, com destaque para a atividade

mineral. “Vejo com muitos bons olhos a sinalização desse investimento, que deve ficar na ordem dos 100 bilhões de reais nos próximos cinco anos”, afirma. O reitor acrescenta que a grande quantidade de investimentos na região irão, por outro lado, pressionar as instâncias públicas a investirem pesadamente em tecnologia, educação e ciência, tendo como finalidade a formação de quadros de recursos humanos qualificados. “O casamento dessas duas expectativas me faz prever anos otimistas à frente”, avalia Maneschky.

Para ele, o desenvolvimento econômico da região amazônica deve estar acompanhado de práticas sustentáveis. “O desenvolvimento sustentável é uma tendência sim, mas precisa ser mais que um conceito, ou seja, se tornar uma prática efetiva”, avalia.

ERLESTON MORAES/OLYMPIA